

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Eliza Barcelos Della Barba
Luiza de Almeida Monteiro

Semeadoras:

As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina

Florianópolis
2021

Eliza Barcelos Della Barba
Luiza de Almeida Monteiro

Semeadoras:

As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Jornalismo do Centro de
Comunicação e Expressão da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo
Orientadora: Prof.^a Stefanie C. da Silveira

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Della Barba, Eliza

Semeadoras : As faces do Movimento de Mulheres
Camponesas no Oeste de Santa Catarina / Eliza Della Barba,
Luiza Monteiro ; orientadora, Stefanie Carlan da
Silveira, 2021.

58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Movimento de Mulheres Camponesas. 3.
Feminismo camponês e popular. 4. Movimentos sociais
feministas. 5. Agricultoras catarinenses. I. Monteiro,
Luiza. II. Carlan da Silveira, Stefanie . III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. IV. Título.

Eliza Barcelos Della Barba
Luiza de Almeida Monteiro

Semeadoras:

As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 28 de abril de 2021.

Profa. Dra. Daisi Irmgard Vogel.
Coordenadora do Curso de Jornalismo

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Stefanie C. da Silveira, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dagmara Spautz
Avaliadora
Jornalista da NSC

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às nossas famílias (nossos pais Vera, Homero, Roseli e Sérgio, nossos irmãos Gustavo, Octávio, Gabriel e Keke, e ao namorado Pedro) pelo suporte e incentivo durante todo o curso de Jornalismo. Agradecemos à nossa orientadora Stefanie Carlan da Silveira pela confiança, pelas orientações e pelo apoio durante a produção do TCC. Aos nossos amigos que nos ajudaram emprestando equipamentos para gravação e nos confortando nos momentos que mais precisávamos, especialmente Ana Cristina Machado, Daniel Sborz, Algeri Hendrick, Fernando Perosa, Felipe Salles, Murilo Mestriner, Lívia Tokasiki, Letícia Lohn, Natalia Poeta, Monique Klouck (entre muitos outros). Agradecemos também Adriane Canan e seus generosos pais, Alzira e Agenor, pelo carinho e orientação durante a produção do projeto e a estadia no Oeste catarinense. A todas as entrevistadas, ao Movimento de Mulheres Camponesas que nos cedeu materiais e lugar para ficarmos durante as gravações no oeste. Por fim, agradecemos às mulheres que vieram antes de nós e às que cruzaram nossos caminhos: somos construção de todas vocês.

RESUMO

A luta por direitos e pela visibilidade da mulher são as bases dos movimentos sociais feministas. Todavia, em termos de visibilidade, muito do debate feminista atual é centrado em grandes centros urbanos. O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) soma à luta e amplia a discussão para representar a realidade da discriminação, opressão e resistência da mulher do campo. Este TCC tem como objetivo retratar o feminismo camponês e popular do oeste catarinense, através do Movimento de Mulheres Camponesas de Chapecó e região. Para isso, foram feitas entrevistas em vídeo com as agricultoras que participam do Movimento, mostrando o seu dia a dia de trabalho, as pautas levantadas por elas no MMC e a organização do próprio Movimento. O produto é uma produção jornalística multimídia, que inclui um documentário em vídeo e uma reportagem escrita. Tudo está disposto em uma plataforma online, onde há informações complementares em texto e fotografia sobre o MMC. O presente trabalho tem como finalidade a divulgação das pautas das mulheres camponesas e o retrato da realidade e da luta da mulher do campo no oeste catarinense.

Palavras-chave: Movimento de Mulheres Camponesas; feminismo camponês e popular; movimentos sociais feministas; agricultoras catarinenses.

ABSTRACT

The fight for women's rights and visibility are the key factors that guide the actions of feminist social movements, all over the world. Nevertheless OU STILL, as of today, much of the debate around feminist causes and claims is held in larger cities and big urban areas. In that scenario, Brazilian's Movimento de Mulheres Camponesas (Country Women's Movement OU PEASANT WOMEN'S MOVEMENT), also known as MMC, connects to that fight, adding value, as it represents the, many times forgotten, harsh reality of oppression, discrimination and resistance Brazilian country women are forced to face daily. This project intends to tell that story, by portraying the fundamentals of both the feminist and rural social movements, held in western Santa Catarina, Brazil; focusing particularly in the Movimento dos Mulheres Camponesas centered in the city of Chapecó and nearby municipalities. In order to achieve that, video interviews were conducted with some of the women who take part in the action of the organization, with the intent of showing their day-to-day work life, their political and cultural demands and how the organization orchestrates its own actions and public displays of protest. The final product lies in a multimedia journalistic production, that includes a documentary and a written report. Both of them were uploaded to an online platform, where they are accompanied by other written information and data, and also photo records of the MMC activities. All in all, this piece of work aims to disseminate the claims and vindications of peasant women, by portraying the daily upward battle reality of country women from western Santa Catarina.

Keywords: Country Women's Movement; Peasant Women's Movement; rural feminism; feminist social movement; Santa Catarina farmers.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA	8
2. JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E FORMATO	11
3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO	13
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO	13
3.2 FONTES	15
3.3 APURAÇÃO E CAPTAÇÃO DE IMAGENS	16
3.4 PRODUÇÃO DA REPORTAGEM	17
3.5 PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	18
3.6 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO	19
3.7 PRODUÇÃO E MONTAGEM DO SITE	21
4. RECURSOS	22
5. DIFICULDADES E APRENDIZADOS	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
Referências	26
APÊNDICE A - Roteiro documentário “Semeadoras: As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina”	28
APÊNDICE B - Roteiro da viagem para o Oeste Catarinense	47
APÊNDICE C - Diário de bordo	49
ANEXO A - Site	56
ANEXO B - Ficha do TCC	57
ANEXO C - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	58

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

Em meio à efervescência das lutas sociais é que surgem os movimentos das mulheres agricultoras, na década de 1980, em todo o Brasil. Nesse período, o país via o regime militar se enfraquecer e lutava pela redemocratização do Estado. O sentimento de invisibilidade e a exclusão das mulheres culminaram na mobilização e no surgimento de vários grupos feministas para discutir suas pautas e lutar pela igualdade de direitos.

(...) a luta pela igualdade de participação política e por direitos das mulheres deve ser protagonizada pelas próprias mulheres e deve ser realizada junto com a luta de classes, no enfrentamento ao sistema capitalista, patriarcal e racista. Por isso elas percebem que precisam organizar em movimentos autônomos de mulheres camponesas essa compreensão política que brota em todo o país na década de 80. (MMC/Brasil, 2018, p. 4-5.)

A falta de reconhecimento do trabalho da mulher do campo traçava o caminho dos arranjos sociais e era legitimada pelo Estado através da falta de direitos e de benefícios. O I Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais reuniu, em 1986, camponesas de 16 Estados do Brasil para discutir pautas comuns e formar uma luta unificada por direitos, entre eles, sua representação na Constituição Cidadã de 1988. A luta culminou na garantia de aposentadoria especial para produtoras rurais, podendo se aposentar aos 55 anos de idade, exercendo suas atividades em regime de economia familiar (Art. 202, inciso I da Constituição Federal de 1988). Essa conquista, a um só tempo, marcou a luta das mulheres camponesas, e mostrou como ainda havia muito a se fazer para que os direitos e os benefícios pudessem ser de todas. Nessa época, muitas agricultoras não poderiam usufruir da conquista previdenciária, já que não possuíam nem mesmo a carteira de identidade (RG).

Em busca de proporcionar a todas os documentos pessoais e profissionais, surge a *Campanha Nacional: “Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documentos”*, em que movimentos de diferentes Estados do Brasil promoveram a documentação das camponesas. Em 1994, outra conquista é alcançada pela luta das agricultoras que buscavam o direito à saúde pública de qualidade e integral e a expansão dos direitos previdenciários com a garantia do salário-maternidade.

No final da década de 1980, as articulações do movimento das agricultoras no Nordeste e

no Sul se solidificam. Após anos de iniciativas e insistentes campanhas, caravanas, acampamentos e encontros nacionais com diferentes propostas e o mesmo objetivo - lutar por representação, igualdade e o protagonismo da mulher -, em 2004, é consolidado o Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil (MMC), em um grande congresso nacional, onde afirmam seu caráter autônomo, de classe, socialista, feminista, camponês e popular.

(...) o movimento de mulheres camponesas assume a missão de libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Isso se concretiza nas lutas, na organização e na implantação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Lutar por uma sociedade baseada em novas relações sociais entre seres humanos e deles com a natureza. (MMC/Brasil, 2018, p. 10.)

Tratando-se a agricultura da atividade base da economia brasileira, é possível dimensionar a importância e o significado da produção agrícola para a formação histórica do país até a sua estruturação atual, a composição de suas receitas e a sua participação no cenário comercial exterior. Com isso, o Brasil ainda apresenta regiões e subregiões inteiras que têm sua economia local baseada na produção alimentícia, no espectro do plantio e na criação de animais para o abate.

Em Santa Catarina, a Região Oeste é um exemplo atual e permanente dessa ocorrência. Descrito no portal econômico do Governo do Estado como concentrador de “atividades de produção alimentar”, o aglomerado de municípios no Oeste segue em todos os sentidos a grande lógica mundial de produção conforme a divisão internacional do trabalho. Ou seja, trata-se de uma atividade para a exportação, em favor e sob demanda dos países centrais.

Tal lógica de organização estabelece até hoje a disposição subalterna dos países periféricos, principalmente do Continente Africano e da América Latina, sua dependência das economias internacionais e toda a articulação para que suas produções em grande escala se dêem em uma modelagem excludente e ambientalmente nociva, com a exploração da mão de obra humana e a integração à lógica capitalista de objetificação do lucro, a quaisquer custos.

Com isso, é justificável a efervescência de movimentos sociais em defesa do camponês do oeste catarinense. Neste contexto, o MMC segue a linha de enfrentamento não apenas do patriarcalismo inerente a este *status quo*, mas também de suas raízes capitalistas. Não obstante, o Movimento de Mulheres Camponesas local prevê uma outra organização social e, assim, um

novo modelo de sociedade com igualdade de direitos. (FEMINISMO CAMPONÊS E POPULAR MMC, 2016)

Isto posto, de acordo com o manifesto da organização do MMC, as bandeiras de luta do Movimento são constituídas para além da defesa de um Projeto de Agricultura Camponesa Ecológico, pensando na independência dos moldes atuais para o fortalecimento de um Projeto Popular de Agricultura Camponesa. Desse modo, as trabalhadoras rurais visam garantir também a ampliação dos direitos sociais, tal como a libertação da mulher dos espaços de subalternidade reservados à ela pela ótica e prática patriarcal (LUTAS MMC, ONLINE).

São mulheres que militam, portanto, por um projeto de soberania nacional, baseado no valor da cultura brasileira, e pela proteção, conservação e preservação da biodiversidade. Contando sempre com o fortalecimento decorrente de iniciativas de poder popular que prevêm a garantia de liberdade, participação, e a retomada dos direitos das mulheres nesse espaço, além de todos os trabalhadores rurais brasileiros. De acordo com o divulgado pelas lideranças do Movimento, concretiza-se, dessa maneira, a subversão do modelo capitalista e patriarcal, para a proposta de um novo sistema de valores feministas, pautado pela importante participação da mulher na tomada de decisão (MISSÃO MMC, ONLINE).

Na prática da produção do Oeste do Estado de Santa Catarina, isso se dá através de iniciativas, como a da idealização de uma produção livre de agrotóxicos, além da apresentação de alternativas sustentáveis - como são os casos das sementes crioulas e das plantas medicinais. Convergindo, por conseguinte, essas pautas às lutas identitárias do movimento feminista, que nesse ambiente são lideradas pela mobilização social na luta: pela integração da mulher nos espaços de prestígio e liderança, contra a violência, e pela sua autonomia financeira.

Com todo o posto, este TCC pretende trazer o resgate histórico do Movimento de Mulheres Camponesas no recorte de espaço do oeste catarinense. Para além dessa contextualização histórica, pretende-se abordar a organização da mulher no contexto rural, com a compreensão da sua importância na participação da organização familiar e a sua dupla jornada diária, na produção e no ambiente doméstico. Busca-se esclarecer de que modo se deu a exclusão ou o apagamento de grande parte das mulheres dos espaços institucionais. Logo, amparado pelas pautas do movimento social e feminista local, este trabalho visa transmitir a dimensão dessa luta e, como

resultado, a diferença social que seria garantida com a conquista do desejado: uma nova organização social, que viabilize uma nova sociedade, pautada pelos valores matriarcais.

Assim sendo, pode-se perceber a relevância de se obter um produto jornalístico com esse valor histórico de ineditismo. Há de se exaltar a importância da conexão entre as pautas progressistas de leitura feminista e o Brasil rural, em toda sua dimensão. Trata-se de uma conexão não óbvia, entre ideais tidos como modernos, e um ambiente lido como retrógrado. Apesar de o produto jornalístico tentar também comprovar que nenhuma dessas duas leituras simplistas dá conta da complexidade extensa e total de cada um dos conceitos, a falta de divulgação de materiais que pautem essa temática podem promover o senso comum nesse sentido.

2. JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E FORMATO

A luta feminista ainda se trata de uma pauta muito assimilada ao ambiente urbano. Assim como suas demandas, contrárias à violência e a favor da igualdade, muito resumidas e centradas à violência comumente sofrida nas cidades, tal qual ao mercado de trabalho aplicado nos grandes complexos urbanos. Indo frente à percepção diminutiva e preconceituosa de que o avanço dos movimentos sociais somente obtém vantagem com a efervescência da cidade, este trabalho pretende evidenciar o avanço pautado pelo movimento rural feminista, capaz de organização própria e de idealização de mudanças estruturais na organização social - discussão ainda muito precária em algumas capitais brasileiras.

O objetivo geral do trabalho configura, resumidamente, conhecer a realidade da mulher no contexto rural brasileiro - mais especificamente, fazê-lo através do recorte das mulheres do oeste catarinense, centrado no município de Chapecó e cidades adjacentes. A partir dessa experiência, busca-se dimensionar a participação da mulher na organização social do espaço de produção agrícola e a sua representação nos espaços de tomada de decisão, tal como a abertura para sua participação. A partir dessa análise, é possível compreender a importância do movimento social pautado nessa circunstância, especificamente, o Movimento de Mulheres Camponesas.

O material do projeto é composto por diversas mídias, traduzidas através das linguagens textual, fotográfica e audiovisual, que garante o reconhecimento das membras integrantes do MMC. Além de contar a trajetória histórica do Movimento, necessária para total compreensão da sua importância na atualidade, esperamos transmitir ao público um pouco da realidade dessas mulheres e como se desenrolam suas vidas cotidianas.

A intenção do trabalho é estabelecer o contraponto entre a participação da mulher na organização social que envolve a produção agrícola e a representação da mulher nos contextos de tomadas de decisão. De tal modo, pode-se compreender as falhas estruturais do sistema como permeantes, inclusive, das vias de resolução de suas injustiças - tal como os movimentos sociais.

Isso tudo trabalhado, a ambição é de obtenção de um material que ilumine essa realidade em específico, traçando ao mesmo tempo um paralelo com a hegemonia das questões de gênero e da cadeia produtiva capitalista, a exploração do trabalhador e, por consequência, a ascensão e o fortalecimento dos movimentos sociais em ambientes diversos.

Objetiva-se, por fim, levar essa história ao conhecimento de espectadores e leitores distantes dessa realidade. Sejam coletivos feministas mais jovens e provindos de grandes centros urbanos, sejam indivíduos ou movimentos originários do meio rural, que não tenham tido contato com essa história até o momento.

A produção do trabalho foi proposta em dupla dada a profundidade da pauta e as complexidades do projeto, levando em consideração sua extensão multimídia. Decidimos pela produção conjunta, para que a qualidade fosse a melhor possível. Há também uma proximidade pessoal, com trabalhos conjuntos por muitas vezes ao longo da graduação em Jornalismo e uma afeição pela forma de produção jornalística uma da outra, nosso entendimento como equipe no momento da apuração, explorando as possibilidades de divisão do trabalho nos pontos fortes de cada uma.

Assim como o amor pelo trabalho em equipe, a aproximação com a produção idealizada para veiculação na internet também definiu o projeto. Com isso, as motivações para a escolha da mídia de produção são extensas. Além de já termos trabalhado juntas em diversas circunstâncias prévias, tanto na produção textual quanto na produção audiovisual, acreditamos que se tratam dos conhecimentos, prático e teórico, mais exercitados por nós ao longo do curso de graduação.

Neste sentido, cabia ser executado uma última vez e com o amparo de todo o aprendizado obtido nos últimos quatro anos para o Trabalho de Conclusão de Curso.

No que se refere à pauta, existe a conciliação de muitos fatores individuais de cada uma. Eliza tem grande paixão pelo jornalismo voltado ao ambiente rural, e assim tem-se como local de análise essa região do seu Estado de Santa Catarina. Luiza sempre demonstrou grande afinidade pela abordagem das lutas sociais no jornalismo, personificadas pelos movimentos populares. Encontramos, assim, o ponto de convergência no trato das pautas de viés ideológico feminista, além da produção jornalística cuidadosa quanto a esse quesito.

3. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Após o acordo da temática a ser abordada pelo Trabalho de Conclusão de Curso em outubro de 2019, optamos por realizar uma extensa pesquisa sobre o Movimento de Mulheres Camponesas, o feminismo camponês e popular, a agricultura familiar e o histórico de movimentos sociais no Oeste Catarinense. Com isso, entramos em contato com a jornalista e documentarista, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Adriane Canan. Através de amigos em comum, que conheciam o envolvimento de Adriane com o MMC e a pauta do feminismo no ambiente rural, marcamos um encontro com o objetivo de receber qualquer tipo de orientação que facilitasse a organização de uma viagem para apuração *in loco*. Essa reunião rendeu muito mais frutos do que o esperado. Além do contato de inúmeras fontes, Adriane facilitou muito nossa organização em relação à locomoção, ao transporte e à estadia no período que estaríamos apurando nos municípios do Oeste Catarinense.

De acordo com os nossos interesses quanto à temática do trabalho e as abordagens que gostaríamos fazer, Adriane nos ajudou a selecionar algumas fontes e foi responsável por nos apresentar às entrevistadas: Carmem Munarini, Ivanete Zambon, Jacinta Klein, Justina Cima, Marilete Molinari, Rosalina Nogueira e Sirlei Gaspareto. Criada no município de Quilombo, interior catarinense, a colega jornalista conhecia essas mulheres de longa data e indicou que entrássemos em contato com cada uma delas, explicando nosso interesse e objetivo. Dessa

forma, foi possível viabilizar um roteiro para a viagem, tendo em vista que tínhamos confirmadas as entrevistas e poderíamos programar um itinerário por mais de um município da região. Ela reforçou, na época, que seria uma boa forma de enriquecer o material trazendo perspectivas diferentes, através de personagens variadas.

Nesse período, algumas dessas agricultoras que participam do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste do Estado foram contatadas também para uma pré-entrevista. Como a execução do projeto seria feita em outra cidade, fazendo-se necessário viajar e ficar locado por um período de uma a duas semanas, foi necessário conhecer melhor as fontes antes de entrevistá-las para o trabalho - assim foram feitas entrevistas prévias por telefone com quatro agricultoras de Chapecó. As entrevistas objetivaram três aspectos principais: vida pessoal da agricultora (onde mora, trabalho, família), seu papel e relação com o Movimento de Mulheres Camponesas e, por último, organização do Movimento (como acontecem e a periodicidade das reuniões, quais as pautas atuais, quantas mulheres participam).

Esta última foi crucial em diversos aspectos: para o planejamento mais preciso do dia da viagem, já que foi obtido o calendário de reuniões e para a percepção da força do Movimento na região de Chapecó, através da quantidade de mulheres participantes e o que estão debatendo atualmente. Além disso, foi possível checar informações dos documentos do MMC através das falas das agricultoras.

O método de entrevista utilizado para a pré-apuração foi temático e testemunhal (LAGE, 2001), buscando entender melhor o tema de estudo e as visões das fontes. Assim foi estabelecido o primeiro contato e foram obtidas informações importantes para nortear a entrevista em profundidade (LAGE, 2001) com as agricultoras durante a execução do nosso trabalho.

Pensamos também sobre a importância das escolhas das fontes serem unicamente mulheres. Acreditamos que, por nosso trabalho ser feito sobre um movimento de mulheres, feminista, nossa prioridade seriam as fontes femininas, inclusive as fontes especialistas, como sociólogas. A partir daí, também surgiu a nossa vontade de todo o trabalho ser pensado e desenvolvido por mulheres, desde nós, as autoras, até as designers que fariam as artes para os produtos finais.

Após o contato prévio com as fontes, programamos nossas estadias nas cidades de

Chapecó e Quilombo. Planejamos nossa viagem para início de março de 2020, para participar dos trabalhos e da movimentação do dia 8, Dia Internacional da Mulher, pois gostaríamos de mostrar e presenciar o Movimento de Mulheres Camponesas em um momento atípico do ano e que ao mesmo tempo fosse de muita representatividade para as participantes do MMC, agregando ao tema do trabalho. Nossa chegada aconteceu no dia 5 de março, e nossa ida para Quilombo no dia 7 de março (lá as atividades do MMC para o Dia Internacional da Mulher seriam antecipadas). Ademais, providenciamos o transporte até a região e entre os municípios. Além da indicação de materiais de referência, como diversas cartilhas e documentos do Movimento de Mulheres Camponesas, Adriane também foi responsável pelo nosso acolhimento no centro de formação do MMC, o Maria Rosa, localizado em Chapecó. Em Quilombo, por sua vez, ficaríamos hospedadas na própria casa da família Canan, que gentilmente nos recebeu, nos transportou e facilitou todo o processo de apuração ao longo de dois dias. A opção foi decidida antes mesmo da chegada no oeste, já que consideramos importante para a imersão total na temática do documentário.

3.2 FONTES

Todas as fontes abaixo foram entrevistadas presencialmente na região oeste de Santa Catarina, nas cidades de Chapecó, Quilombo e Maravilha. As entrevistas foram feitas para o documentário e reportagem.

- Carmem Munarini (agricultora e participante do Movimento de Mulheres Camponesas em Chapecó);
- Davina Pasa (Coordenadora regional do SINTRAF de Quilombo e região);
- Ivanete Zambon (agricultora e participante do Movimento de Mulheres Camponesas em Maravilha);
- Jacinta Klein (agricultora e participante do Movimento de Mulheres Camponesas em Quilombo);
- Justina Cima (agricultora e dirigente estadual do Movimento de Mulheres Camponesas em Quilombo);

- Luciane Carminatti (deputada estadual);
- Marilete Molinari (agricultora e participante do Movimento de Mulheres Camponesas em Chapecó);
- Rosalina Nogueira (agricultora e participante do Movimento de Mulheres Camponesas em Chapecó);
- Sirlei Gaspareto (professora e participante do Movimento de Mulheres Camponesas em Quilombo);

As sociólogas foram entrevistadas em Florianópolis, sendo a entrevista de Valdete Boni realizada online, por conta da pandemia da COVID-19.

- Valdete Boni (professora e doutora em sociologia política)
- Karolyna Herrera (doutora em sociologia política)

3.3 APURAÇÃO E CAPTAÇÃO DE IMAGENS

Todo o enredo é apresentado através da organização das entrevistas feitas durante a viagem ao Oeste Catarinense. O filme também é ilustrado com imagens captadas *in loco*, tanto da rotina das mulheres entrevistadas, quanto dos dois atos integrados pelo movimento ao longo do nosso período de gravação no local. Além disso, foram utilizadas na composição imagens de arquivo cedidas pela organização do MMC e registros fotográficos.

Deste modo, desde a confirmação da disponibilidade das entrevistadas até o agendamento dos encontros, organizamos a experiência da entrevista de forma que facilitasse o processo de gravação, visando especialmente o documentário. Demos preferência por sempre começar pela entrevista, sediada intencionalmente em localidades que se correlacionaram com a história que pretendemos contar, como por exemplo, as propriedades das agricultoras e os espaços de integração mantidos pelo próprio Movimento.

Centramos, portanto, os questionamentos das entrevistas na experiência de vida das

camponesas, desde as origens, até o encontro com o Movimento e o despertar político. As conversas foram longas justamente porque acreditamos que ao conhecer a fundo cada uma daquelas mulheres tínhamos uma chance maior de compreender o impacto do Movimento na vida de cada uma de suas integrantes, além de suas conquistas, motivações, missão, visão e valores.

As entrevistas foram gravadas em duas câmeras, com planos diferentes, aberto e fechado, visando uma maior facilidade no corte e na costura das falas. Além disso, o áudio ambiente foi captado diretamente pela câmera, ao passo que para a captura do áudio direcional das entrevistas optamos pela utilização de um microfone lapela conectado diretamente a um gravador de voz digital.

Assim, após a realização da entrevista, nos sentíamos mais aptas a acompanhar o dia da fonte entrevistada, aproveitando totalmente a experiência, já que ao longo da conversa nos dávamos conta de quais tipos de imagem seriam necessários, ou importantes, para ilustrar aqueles relatos específicos.

No caso especificamente das duas manifestações que acompanhamos, em Chapecó e Quilombo, em decorrência do Dia Internacional da Mulher, a postura foi diferente do que estávamos acostumadas. Uma vez que a produção de um material daquela densidade não possibilitaria que os registros captados dos atos políticos fossem classificados como factuais, optamos por gravar os eventos de modo que servissem de ilustração, a fim de exemplificar a ação do MMC em manifestações, por exemplo. Ilustra-se, assim, como se dá a *mística*, conceito específico do Movimento, citado no documentário e na reportagem.

3.4 PRODUÇÃO DA REPORTAGEM

Após a gravação das entrevistas começamos a decupagem do material. Todas as entrevistas foram transcritas, e por conta da quantidade de conteúdo das transcrições, as falas foram organizadas por temáticas - 11 entrevistas resultando em dezenas de páginas de transcrição. Os temas foram: vida pessoal e familiar, início do Movimento, história do Movimento, trabalho, estudos, entre outros temas utilizados de acordo com as características de cada fonte e a condução feita em cada entrevista.

A produção do roteiro para a reportagem foi feita logo após todas as transcrições, e levamos em consideração o roteiro e o conteúdo do documentário, pois queríamos evitar a repetição de informações no texto. Com isso, decidimos incorporar impressões pessoais no texto, sensações, aromas e olhares que a câmera não conseguiria captar. Trazer detalhes e aprofundamento para a narrativa, fazendo uso do jornalismo literário, e como veiculado na internet, do *jornalismo longform* (LONGHI; WINQUES, 2015). O diário de bordo, nesse momento, foi primordial para manter os sentimentos vivos mesmo meses depois da nossa experiência no Oeste Catarinense.

A escolha das fontes e da divisão dos textos da reportagem foi feita pensando nos principais pontos da apuração, mesclando a história de vida das agricultoras e do próprio Movimento de Mulheres Camponesas, com o intuito de demonstrar que a construção do MMC é intimamente ligada à construção de vida de cada mulher participante. Cada uma das fontes escolhidas seria o fio condutor para a abordagem de temas importantes e presentes no Movimento de Mulheres Camponesas: Carminha transformou sua vida e produção através da agroecologia; Rosalina mostrou o trabalho com as plantas medicinais e o resgate de conhecimentos ancestrais; Marilete vive a realidade do Movimento de Mulheres Camponesas e do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra, mostrando a relação entre os dois principais movimentos rurais brasileiros.

A roteirização, escolha das fontes e dos temas a serem aprofundados em cada produto foram feitas em dupla, porém, por conta da pandemia que nos exigiu distanciamento, tivemos que dividir a produção da reportagem e a edição do vídeo para serem executados por cada uma de nós, separadamente. Eliza executou a reportagem e Luiza a edição do vídeo. Estávamos acompanhando a produção uma da outra a todo tempo, e fazíamos reuniões online pelo menos duas vezes na semana para discutir sobre os produtos e para que pudéssemos fazer o trabalho da forma mais conjunta possível.

3.5 PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

A roteirização do documentário foi pensada de modo não-linear. Assim, está menos centrada na percepção das alunas, já que optamos deliberadamente por não nos fazer presente no

formato do vídeo. Desta forma, o filme foca, em transmitir uma visão concisa e redonda, que prenda a atenção do espectador e que possibilite uma compreensão do Movimento através de uma narrativa comandada e orquestrada exclusivamente por quem mais tem propriedade para tratar do assunto: as personagens entrevistadas, integrantes do MMC.

Tudo começou, de forma semelhante à escrita da reportagem, com a análise do material transcrito das entrevistas. Através dele, re-assistimos às entrevistas de maneira mais superficial, a fim de decupar o material. Ou seja, tratamos de compreender as falas de cada uma das personagens e dividi-las, de modo que, os pontos de convergência dos discursos foram numerados e organizados em pequenos “capítulos”. Do mesmo modo, definimos quais falas especificamente traduziriam aquelas informações de maneira mais clara e objetiva possível, de modo complementar ao que vinha sendo orquestrado na produção da reportagem.

Deste modo, decidimos em conjunto a composição de um filme que tem, como início e fio condutor, personagens específicas. Ou seja, de acordo com a progressão do documentário, são entrelaçadas as histórias das camponesas Carmem Munarini, Justina Cima, Marilete Molinari, Rosalina Nogueira e Sirlei Gaspareto; com a história do MMC. As dificuldades percebidas por elas, ao longo da vida, são também as reivindicações do Movimento, por exemplo.

3.6 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Para a finalização da reportagem, alguns dados foram conferidos com as fontes, como localização exata de certos acontecimentos e outros detalhes que pudessem melhorar a estrutura e dar mais detalhes para as descrições. Além disso, algumas informações contidas no documentário pareceram repetitivas no texto, e pudemos discutir uma readequação dessas informações, e onde elas ficariam melhor, se no texto ou no vídeo.

Com isto em mente, planejamos a criação de materiais complementares que possibilitassem, quando somados, a imersão no tema e o aprofundamento do assunto tratado. Evitamos, assim, a repetição de assuntos e das ordens narrativas, na tentativa de não cansar e/ou entediar o leitor/espectador.

Em consoante, começamos a edição do documentário pela preparação do material, tratamento de imagem, correção de cor, organização da troca entre as duas câmeras utilizadas

para a gravação das entrevistas e a sincronização do áudio ambiente com o áudio captado pelo microfone. Isto feito, realizamos o corte das entrevistas individualmente, selecionando de modo específico a minutagem dos trechos que integrariam a versão final do documentário, na tentativa de criar uma narrativa mais clara possível. Além disso, selecionamos também as imagens de cobertura, músicas e efeitos que seriam necessários para composição e a finalização do material em vídeo.

Encerrada esta primeira etapa descrita, nos reunimos de modo online para que pudessemos organizar uma proposta de roteiro prévio, a fim de possibilitar o início da edição, que trataria em síntese de organizar em ordem os trechos pré-prontos e levantar alternativas para que se fizesse possível transacionar de maneira sutil entre um assunto e outro. Neste primeiro roteiro, já prevíamos o documentário centralizado na personagem Justina Cima, de modo que a sua fala seria responsável por nortear a inserção das demais entrevistadas e introduziria a maior parte das temáticas englobadas no material, tendo em vista que foi a entrevista mais longa, aprofundada e abrangente dentre todas as realizadas.

Dando sequência ao documentário, optamos por abordar a ligação de cada uma das entrevistadas com o Movimento, além do seu primeiro contato com a causa das mulheres camponesas. Assim, introduzimos uma breve inserção sobre a história do MMC e pontuamos suas principais pautas, lutas e conquistas. Tratamos de humanizar um pouco o enredo apresentado, aproximando o espectador da realidade e da singularidade de cada uma das fontes. A intenção também era transmitir, de certo modo, as especificidades na forma de organização do MMC, em parte pela lógica de ser do ambiente rural - que não permite, e nem pretende, é importante esclarecer -, que a organização popular social e a movimentação de massas ocorra tal como nos grandes centros urbanos.

Além disso, foram trabalhados temas circundantes ao Movimento de Mulheres Camponesas, como é o caso do Movimento Pimenta Rosa e da teorização e prática do agroflorestamento por mulheres da região. Estas pautas surgiram espontaneamente ao longo do nosso contato com as camponesas. Deste modo, após o planejamento e a execução da roteirização serem realizados em dupla, a montagem, a cobertura e o refinamento do filme foram encabeçados por Luiza Monteiro, com a aplicação de efeitos, trilhas sonoras e grafismos.

Dessa forma, achamos que a finalização do material se beneficiaria de inserções em arte para que se tornassem mais claros aspectos pontuais, mas muito importantes para a compreensão total da narrativa. Para utilização das imagens de arquivo disponibilizadas pelo MMC, por exemplo, era primordial que se especificassem as datas de origem de cada uma das gravações. Além disso, como maneira de reforçar a característica pulverizada do MMC, achamos interessante deixar claro também as diferentes localidades de cada uma das entrevistadas, no Oeste Catarinense. Para isso, contratamos a jornalista Daniella Coreollano, que produziu três pacotes diferentes de artes para serem aplicadas ao filme, além de contribuir imensamente para a definição da identidade visual de todo o material.

Quando foi finalizado, exportamos o documentário em Full HD 1080p e o hospedamos na plataforma *Vimeo* e no *Youtube*, sendo posteriormente agregado ao site.

3.7 PRODUÇÃO E MONTAGEM DO SITE

Assim que terminados a produção e finalização do documentário e reportagem, começamos a montagem do site onde os produtos estão apresentados. Durante os meses de execução do trabalho, experimentamos algumas plataformas da *web* no intuito de procurar uma que se adequasse da melhor forma ao conteúdo produzido. Escolhemos, por fim, a plataforma *WIX*, pois além de já termos trabalhado com ela durante a graduação e termos bastante proximidade com as ferramentas de edição nela contidas, observamos que a plataforma nos dava diversas configurações e elementos de áudio, vídeo e foto que se aproximavam com o nosso planejamento de site.

Optamos por começar um template do início, sem utilizar os já prontos na plataforma, pois queríamos editar com a maior liberdade criativa possível. Sendo assim, optamos por um menu simples e minimalista. Dividimos a reportagem em retrancas, colocando os nomes das fontes centrais no menu, abordadas em cada texto. A divisão da reportagem foi para que a leitura se tornasse mais leve no site, e para que pudéssemos acrescentar elementos de interação com o leitor em cada página.

Colocamos as artes produzidas pela design Daniela Brandão, sendo a capa da página principal e os ícones que acompanham os “olhos” no texto. Os demais ícones e artes foram

produzidos por nós, incluindo as capas com fotos e vídeos. Além disso, fizemos a versão responsiva do site, podendo ser lido e acessado com facilidade pelo celular.

4. RECURSOS

O orçamento para a execução da grande reportagem multimídia foi todo idealizado do ponto de vista do que seria praticável para esse projeto. Sem patrocínio de qualquer tipo, focamos em planejar algo que pudéssemos financiar por conta própria, por meio de nossas economias e utilizando primordialmente nossos próprios materiais, além de itens emprestados por amigos e colegas.

Deste modo, as despesas para realização do trabalho podem ser divididos em três categorias principais, sendo estas: os custos de deslocamento e de estadia no local de apuração, ao longo de todos os dias de gravação; os custos dos equipamentos necessários para apuração; e, por fim, as despesas decorrentes do processo de finalização e de revisão do trabalho final - que incluem a contratação de prestadores de serviços e profissionais freelancers para contribuições pontuais, que somaram um valor de cerca de R\$700,00.

No que se refere à viagem, tivemos um gasto de cerca de R\$200,00 reais com passagens de ônibus para os deslocamentos entre Chapecó e Maravilha, além de um gasto de aproximadamente R\$400,00 com uma motorista particular que nos auxiliou enquanto estávamos em Chapecó. Por fim, as passagens de avião somaram cerca de R\$500,00, ida e volta. Já para nossa estadia no Centro de Formação Maria Rosa, mantido em Chapecó pelo MCC, durante todo o período de apuração, fizemos uma contribuição voluntária de R\$250,00.

Dos custos referentes à equipamentos, podemos destacar: Duas câmeras DSLR semi-profissionais, seis lentes objetivas removíveis e compatíveis com as câmeras, duas baterias sobressalentes, um rebatedor de luz, dois tripés, um gorillapod, um stedicam, três lapelas, um microfones direcional, um gravador eletrônicos, dois fones de ouvido apropriados para gravação e edição, além de dois HDs externos (ou que somem, no mínimo, 500 gB) e cartões de memória (que somem, no mínimo, 128 gB).

Dessa forma, os custos referentes ao processo de gravação e captação do produto jornalístico consistiram em: cerca de R\$2.099,00 pelo corpo de uma câmera Canon T6i e cerca de R\$1.500,00 pelo corpo de uma câmera Canon T5. Além disso, o valor das lentes que foram utilizadas (2 Canon Ef-s 18-55mm F/4-5.6 IS STM; 1 Canon EF-S 24mm f/2.8 STM; 1 Canon EF 50mm f/1.8 STM; 1 Canon EF-S 55-250mm F/4-5.6 IS STM, 1 Canon EF 35-80mm) soma cerca de R\$ 3.500,00.

Já os dois tripés custam cerca de R\$150,00, cada um, ao passo que o *gorilla pod* e o *steadicam* saem, em média, por R\$50,00 em lojas online. O microfone direcional *Greika*, custa R\$350,00, enquanto as lapelas da marca *Boya*, saem por aproximadamente R\$65,00. O gravador eletrônico escolhido, da marca *Sony*, tem o preço médio de R\$250,00.

Calculamos que os custos com armazenamento, divididos entre cartões de memória (quatro unidades de 32 gB) e HDs externos (uma unidade de 1TB e 1 unidade 320gb) somatizam algo em torno de R\$500,00.

Para a edição e finalização do trabalho utilizamos o editor de vídeo *Adobe Premiere*, os editores de imagens *Photoshop* e *After Effects*, sendo R\$3096,00 o valor de uso anual dos três. E por fim, o plano anual do site que fizemos na plataforma *Wix* de R\$114,00 que inclui o domínio e a proteção básica do site. E a plataforma *Vimeo*, onde está hospedado o documentário, custou R\$200,00 a utilização anual. O valor total dos gastos com o documentário foi de aproximadamente R\$13.924,00.

5. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Produzir o presente trabalho foi desafiador para nós como estudantes e como pessoas. Começamos a pensar a pauta em outubro de 2019, durante a disciplina de Planejamento de TCC, e desde então nos aprofundamos cada vez mais na história do Movimento de Mulheres Camponesas, no estudo sobre o feminismo (em especial o camponês) e no entendimento do mundo rural, tão distante da nossa realidade urbana.

O primeiro desafio foi estarmos abertas para conhecer novamente temas que são tão estimados por nós, como o feminismo e a vida rural. Estudamos a pauta e nos preparamos para

as entrevistas, mas não para a vivência que nos aguardava no Oeste Catarinense. Passar sete dias convivendo diariamente com o Movimento de Mulheres Camponesas foi enriquecedor e uma experiência profunda. Nos hospedamos no Centro de Treinamento do Movimento de Mulheres Camponesas em Chapecó, o que nos deu mais oportunidade de imersão na pauta.

Conhecemos a casa, a família, o trabalho e a luta das agricultoras. Por vezes dividimos refeições e o famoso chimarrão com as fontes. Aprendemos muito sobre o rural e novas formas de feminismo com o dia a dia das mulheres camponesas e voltamos para casa com uma extensa bagagem de conteúdo, tanto para o projeto quanto para as nossas vidas como mulheres e profissionais.

Praticamente todo o trabalho foi gravado em março de 2020, dias antes do início da pandemia, sendo o primeiro caso descoberto em Florianópolis no exato dia da nossa volta de Chapecó para casa, em 12 de março de 2020. A partir daí os maiores desafios foram pessoais. Como todos que viveram esse momento, tivemos medo, angústia, e muita incerteza, tanto em relação à doença quanto ao nosso futuro como estudantes e profissionais. Todo o contato passou a ser virtual, tanto para executar a edição das gravações, para reuniões com a orientadora, e até mesmo os nossos contatos para desabafar sobre o andamento do trabalho. Nesse momento, contamos muito uma com a outra como amigas, para além de parceiras de TCC, para entender nossas crises de ansiedade e nosso ritmo de produção que diminuiu e precisou ser respeitado por conta do momento atípico.

Além disso, Luiza é natural de São José dos Campos, São Paulo, e optou por retornar para sua cidade natal nos primeiros meses pandêmicos. Assim, manteve-se afastada da rotina da universidade, tal qual de boa parte de seus materiais utilizados para a execução da pesquisa, de abril a junho de 2020. Foram momentos caracterizados por uma desaceleração na produção do trabalho que, acreditamos, acompanhou a desaceleração do mundo como um todo.

A falta de perspectiva, à época, do retorno das atividades acadêmicas e docentes por parte da Universidade Federal de Santa Catarina desestimulava a continuação do processo de produção, já que não fazíamos ideia de quando seria possível apresentá-lo de fato. Além disso, desde a volta da viagem ao Oeste Catarinense, mantivemos uma pendência de contactar fontes acadêmicas que pudessem, baseadas em pesquisas prévias, comentar o fenômeno do MMC, a

partir da perspectiva do olhar de fora do Movimento. No momento pré-pandêmico, imaginamos que conseguiríamos concretizar, ao menos, duas entrevistas com relativa facilidade, dada nossa proximidade com a UFSC. Todavia, com a progressão da pandemia, adiamos ao máximo essa realização, sempre sofrendo com dificuldade de contato nestes tempos, e torcendo para que a situação amenizasse logo e pudéssemos realizar as entrevistas presencialmente. Por fim, aceitamos realizar a entrevista com a socióloga Valdete Boni virtualmente.

Outro ponto que nos foi de grande aprendizado foi a nossa iniciativa de fazer um projeto completamente pensado por mulheres, com mulheres e sobre mulheres. As orientações iniciais foram da documentarista Adriane Canan, com intermédio da jornalista da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), Isabela Schwengber. Todas as fontes dos MMC foram mulheres e as sociólogas, especialistas no tema também; as duas designers que fizeram as artes para o site e para o documentário; e até a motorista que nos levou para os locais de entrevista em Chapecó era mulher; além da escolha da nossa orientadora e banca. Foi uma experiência nova para nós, e vimos o quão importante é trazer vozes femininas para as pautas jornalísticas e o quanto isso nos acrescentou no âmbito profissional e pessoal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como finalidade acrescentar às discussões sobre ativismo de gênero e ruralidades. Ajudando na desmistificação do movimento feminista e no esclarecimento do feminismo camponês. Além disso, chamar a atenção para as pautas das mulheres agricultoras, que mesmo após anos de luta, ainda sofrem com falta de direitos, violência e invisibilidade.

A divulgação do trabalho será ampla, e todo o conteúdo está disponível para o Movimento de Mulheres Camponesas utilizar, como também coletivos feministas e outros possíveis interessados, de maneira com que as informações consigam chegar a mais pessoas, obtendo maior impacto.

Não menos importante, o trabalho foi feito também com o intuito de nossa formação acadêmica no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Sendo também uma oportunidade de praticar e mostrar os aprendizados nas áreas de fotografia, vídeo e

reportagem em texto.

As áreas escolhidas para a execução do produto jornalístico final do curso de graduação fazem referência às áreas de nosso interesse e maior dedicação ao longo do curso. Com isso, trata-se não somente de um trabalho conclusivo da experiência universitária, mas sim de um início entusiasmado no mercado profissional.

Referências

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. São Paulo: 1.ed.Vozes, 2006.

LAGE, Nilson. **Teoria E Técnica De Reportagem, Entrevista E Pesquisa Jornalística**. 1.ed. Record, 2001.

LONGHI, R. R.; WINQUES, K. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. Brazilian journalism research, 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693>. Acesso em 11 de março de 2021.

Movimento de Mulheres Camponesas/Brasil. **Feminismo Camponês e Popular**. Publicação da Associação Nacional de Mulheres Camponesas (ANMC), 2018.

Movimento de Mulheres Camponesas/Brasil. **Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documentos**. Publicação da Associação Nacional de Mulheres Camponesas (ANMC), 2004.

Movimento de Mulheres Camponesas/Brasil. **Organizar a base, produzir alimentos saudáveis, construir caminhos de libertação**. Publicação da Associação Nacional de Mulheres Camponesas (ANMC), 2007.

Movimento de Mulheres Camponesas/Brasil. **Sementes de Vida Nas Mãos das Mulheres Camponesas**. Publicação da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região Sul do Brasil (AMTR/SUL), [ca. 20-].

Movimento de Mulheres Camponesas/Brasil. **Criação de Galinhas Orgânicas Para Produção de Ovos: Capacitação de Mulheres Sobre Gênero e Geração de Renda no Estado de Santa Catarina**. Publicação da Associação Nacional de Mulheres Camponesas (ANMC), [ca. 20-].

Movimento de Mulheres Camponesas/Brasil. **Mulheres Camponesas Produzindo Alimentos Saudáveis**. Publicação da Associação Nacional de Mulheres Camponesas (ANMC), 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário Moderno**. 5.ed. Papyrus, 2010. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/nichols-b-introduc3a7c3a3o-ao-documentc3>

[alrio.pdf](#). Acesso em: 18 de novembro de 2020.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade: Informar para os cinco sentidos**. In: WebJornalismo: 7 Características que marcam a diferença. São Paulo: Livros LabCom, 2014. Disponível em:

http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf.

Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 2003.

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2020.

SITE MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Lutas**. Disponível em:

<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/47>. Acesso em: 21 de dezembro de 2020.

SITE MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **História**. Disponível em:

<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>. Acesso em: 21 de dezembro de 2020.

SITE MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Quem Somos**. Disponível em:

<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/43>. Acesso em: 21 de dezembro de 2020.

SITE MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Missão**. Disponível em:

<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/45>. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

SITE MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Organização**. Disponível em:

<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/46>. Acesso em: 21 de dezembro de 2020.

APÊNDICE A - Roteiro documentário “Semeadoras: As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina”

DESCRIÇÃO	IMAGEM	ÁUDIO	TEMPO
DISCLAIMER PANDEMIA	<p>Animação suave, de texto em fundo preto, destacado com a fonte branca, que lê:</p> <p>“Este documentário foi gravado em março de 2020, antes da pandemia da Covid-19 atingir Santa Catarina.”</p>	TRILHA SUAVE (USO LIVRE)	00:00 - 00:10
<p>INTRODUÇÃO LENTA (Imagens das entrevistas intercaladas com cenas de cobertura, de cada uma das entrevistadas, ao som de um trilha neutra, para evidenciar a fala das personagens principais)</p>	<p>ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);</p> <p>IMAGENS DE APOIO (plano detalhe da propriedade, personagem caminhando pela sua própria fazenda).</p>	<p>SEGUE MESMA TRILHA SUAVE (USO LIVRE)</p> <p>Justina Cima: “Eu acho que para falar disso, a gente tem que falar da história de vida da gente, né? Eu fui uma menina de família pobre.. Sem terra, né? E que lutou muito para sobrevivência... E, na minha concepção todas as dos direitos das mulheres e da classe trabalhadora vieram de luta. Então, se não houvesse toda essa luta e toda essa participação no movimento, toda essa construção, com certeza eu teria sido mais uma agricultora; que teria vivido sua vida na queixa. E não teria conseguido fazer esse processo de superação dessa violência contra as mulheres”.</p>	00:13 - 01:05
	<p>ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmera fechada);</p>	<p>SEGUE MESMA TRILHA SUAVE (USO LIVRE)</p> <p>Rosalina Nogueira: “Se a gente precisava de uma ficha, de um</p>	01:06 - 01:19

	IMAGENS DE APOIO (plano detalhe do ambiente rural)	atendimento, eles pediam: ‘que documento?’ e respondemos ‘eu não tenho, só trouxe a carteirinha do meu marido’. Porque a gente não tinha!”	
	ENTREVISTA MARILETE MOLINARI (Câmera fechada); IMAGENS DE APOIO (Marilete em sua propriedade rural, em plano detalhe)	SEGUE MESMA TRILHA SUAVE (USO LIVRE) Marilete Molinari: “A mulher sofre muita violência, em todos os sentidos... Dá uma dor muito grande na gente falar nesses assuntos de violência, viu? Dá uma revolta dentro da gente isso tudo”.	01:20 - 01:36
	ENTREVISTA CARMEN MUNARINI (Câmera fechada); IMAGENS DE APOIO (Plano detalhe do ambiente rural)	SEGUE MESMA TRILHA SUAVE (USO LIVRE) Carmem Munarini: “E dá uma indignação vê tanta terra boa que Deus nos deu e o pessoal comendo veneno e ver o pessoal comendo veneno. Então, isso indigna a gente de uma certa forma que, quando a gente vai conseguindo fazer na prática, isso emociona, sabe? E por que que dizem que não pode? Que tem que plantar com veneno porque, se não, o povo passa fome? É uma mentira, porque a gente faz na prática e vê que não é verdade isso.”	01:37 - 02:05
	ENTREVISTA SIRLEI GASPARETO (Câmera fechada);	SEGUE MESMA TRILHA SUAVE (USO LIVRE) Sirlei Gaspareto: “A luta vale a vida e vida vale a luta”	02:05 - 02:12
VINHETA	IMAGENS DE APOIO DO AMBIENTE RURAL (com efeitos de	NOVA TRILHA MAIS ANIMADA(USO LIVRE)	02:13 - 02:47

	<p>transição);</p> <p>ARTE, como o nome do documentário, que lê:</p> <p>SEMEADORAS - As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina</p>		
<p>SESSÃO SOBRE O ENVOLVIMENTO COM O MMC - MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS (Conhecendo as personagens)</p>	<p>ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);</p> <p>IMAGENS DE APOIO (plano detalhe da propriedade e da entrevistada).</p>	<p>SEGUE MESMA TRILHA MAIS ANIMADA (USO LIVRE)</p> <p>Justina: “Desde pequena a gente aprendeu a lutar pela sobrevivência. Então, ali nós tivemos uma base muito forte do comunitário. Outra questão foram as oportunidades, desde os 13 anos eu comecei a participar do grupo de jovens, aí chegaram os clubes 4S, que eram clubes pensados estrategicamente pelo Estado para introduzir a revolução verde, e me deu uma bagagem de participação coletiva. Na juventude eu tive uma participação importante em espaços coletivos e organizativos.</p> <p>Eu me casei aos 20 anos e vim para Santa Catarina, eu morava no Rio Grande do Sul, e vim para a diocese de Chapecó. E a diocese estava no início da implementação das comunidades eclesiais de bases e da teologia da libertação.”</p> <p>SAI TRILHA</p>	<p>02:50 - 04:14</p>
	<p>ENTREVISTA SIRLEI GASPARETO</p>	<p>Sirlei: “Eu era agente da pastoral, trabalhava em</p>	<p>02:15 - 04:44</p>

(Câmera fechada);	quilombo, com os grupos, contribuía na diocese com os movimentos, contribui muito com a pastoral da juventude, com os jovens. Em seguida fui direcionando a minha vida para o MMC.”	
ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmeras aberta e fechada);	<p>Rosalina Nogueira: “Quando eu era mais jovem não tive muita oportunidade de estudar, só fui até a quarta série. E depois de adulta eu participava muito do grupo de jovens e depois de casada eu fazia parte das formações de lideranças, já existia pela igreja os grupos eclesiais de base, a teologia da libertação. Na época era movimento de mulheres agricultoras, e eu fiz parte desde o início, e através do movimento eu tive mais oportunidade ainda de estudar mais, de fazer mais cursos e também participar dessa luta pelo direito da mulher.</p> <p>E então fomos para luta para termos uma identidade, de mulheres caboclas, camponesas, mas que fossem agricultoras e produzissem.”</p>	04:45 - 05:52
ENTREVISTA MARILETE MOLINARI (Câmeras aberta e fechada);	Marilete Molinari: “Eu conheço o movimento há mais de 20 anos, mas quando voltei a morar na roça, eu consegui ter a oportunidade de estar mais no movimento. foi quando eu comecei mais assídua no movimento que eu encontrei forças, companheirismo, que eu me empoderei realmente, que eu me vi como pessoa e como mulher. Que tomei decisões muito importantes na minha vida, que mudaram a minha	05:53 - 06:32

		história e minha trajetória.	
SESSÃO SOBRE A HISTÓRIA DO MMC	Flashback para 1992 (artifício em arte, imagens de arquivo cedidas pelo MMC)	<p>ENTRA NOVA TRILHA EM VIOLÃO, RITMADA (USO LIVRE)</p> <p>Justina: “No MMC, a gente focou. O objetivo era a necessidade do avanço da superação do movimento contra as mulheres, da libertação, emancipação, enquanto mulheres e trabalhadoras.</p> <p>A luta de maneira geral, dos outros movimentos sociais entram outras pautas e o das mulheres fica secundária.”</p>	06:35 - 07:46
	<p>ENTREVISTA VALDETE BONI, socióloga (Gravação de tela da entrevista, por vídeo chamada)</p> <p>IMAGENS DE APOIO (Fotos do Dom José Gomes)</p>	<p>SEGUE TRILHA EM VIOLÃO, RITMADA (USO LIVRE)</p> <p>Valdete Boni: “Ele nasce em 1983, só que ele nasce e não tem como separar o movimento de mulheres de uma organização da Igreja. E isso é muito interessante do ponto de vista que é o da socialização no meio rural, as comunidades rurais a igreja é um lugar que é permitido que a mulher vá. E aqui na região oeste tem uma figura muito importante, que nunca pode descolar, que é a figura do bispo Dom José Gomes, que ele sempre incentivou essa participação. Muitos padres aqui da diocese de Chapecó como muitos municípios aqui da região, muitos eram da Teologia da Libertação, isso fez com que incentivassem as mulheres.. Então a criação do movimento de mulheres aqui teve essa</p>	07:47 - 09:02

		participação com a luta da esquerda, com a igreja, e com o sindicalismo rural. Houve um incentivo para que elas se sindicalizassem para aumentar o número de votos para a esquerda chegar ao poder. Só que votar simplesmente e não serem votadas. Aí houve um grande incentivo do Dom José Gomes, que elas se organizassem como mulheres. Entra aí a questão da moral.”	
	ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);	SEGUE TRILHA EM VIOLÃO, RITMADA (USO LIVRE) Justina: “ Veio um período que era muito discutida a participação política da mulher na sociedade, aí em 1987 acabei concorrendo a vereadora pela discussão das mulheres, me elegi e atuei de 1988 a 1992. Em 1992, fui para a direção estadual do Movimento de Mulheres Camponesas. E, em 94, já fui para coordenação em nível nacional” SAI TRILHA	09:08 - 09:40
INTRODUÇÃO À FACE POLÍTICA DO MOVIMENTO E EXEMPLIFICAÇÃO DOS DIREITOS CONQUISTADOS PELO MMC	ENTREVISTA SIRLEI GASPARETO (Câmera fechada);	Sirlei: “Eu também participei muito do processo de formação no Movimento. Mas como vocês sabem existe um tripé no MMC, que é: a formação, o trabalho de base e as lutas. Em um determinado momento eu fiz uma escolha e decidi que faria da minha vida, da minha história, da minha trajetória, uma contribuição com a luta das mulheres camponesas.	09:40 - 10:32

		Eu passei por outros espaços de luta, como na política partidária”	
	ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);	Justina: “No processo de regulamentação de seguridade social eu fiz parte da coordenação e rodamos praticamente todo o país para discutir como mulheres a luta da seguridade social, a luta das mulheres a aposentadoria aos 55 anos, o benefício das viúvas. Depois de regulamentado isso, depois de toda luta que se fez, aí teve a regulamentação do salário maternidade.”	10:33 - 11:15
	ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmeras aberta e fechada);	Rosalina: “Nessa época, a gente não tinha nenhum documento. Se a gente precisava de uma ficha, de um atendimento, eles pediam: ‘que documento?’ e respondemos ‘eu não tenho, só trouxe a carteirinha do meu marido’. Porque a gente não tinha! Depois da organização e da luta, que a gente viu que precisava também, que a gente viu que também era gente e tinha que ser reconhecida como trabalhadora. A gente era vista como dona de casa, e dona de casa não trabalhava. Porque não saímos pra trabalhar fora, não era reconhecido o trabalho da roça, o trabalho de casa, o cuidado com os filhos, com as famílias, nada era valorizado.	10:16 - 12:27
	IMAGENS DE APOIO (Ambientação da propriedade de Rosalina, plano detalhe de Rosalina	ENTRA OUTRA TRILHA SUAVE, TAMBÉM NO VIOLÃO (USO LIVRE) SOBE SOM	12:29 - 13:20

	trabalhando) ENTREVISTA LUCIANE CARMINATTI, deputada estadual (Câmera fechada)	Luciane Carminatti: “Essa mulher, mesmo que trabalhasse mais ou tanto quanto o homem, ela era considerada nos registros como do lar. Então o primeiro direito negado foi o direito de ter profissão. E junto com isso vem toda uma luta do movimento de mulheres camponesas que a luta pelo direito pela sua identificação, ou seja, o meu nome o meu sobrenome e a minha profissão, e junto com isso vem a luta por seguridade, que são os benefícios para a mulher agricultora e também a aposentadoria. Então essas lutas que elas travavam mais numa dimensão da mulher agricultora, ela passa a se tornar uma referência de organização, de luta das mulheres no seu conjunto.”	
	ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);	SEGUE TRILHA SUAVE, TAMBÉM NO VIOLÃO (USO LIVRE) Justina: “A pauta sempre esteve ligada a missão do movimento, a seguridade social, os direitos previdenciários, o acesso a saúde pública, o crédito rural. E tivemos avanços importantes em determinado período.”	13:21 - 13:40
TRANSIÇÃO DA TEMÁTICA DE DIREITOS PARA A TEMÁTICA DE VIOLÊNCIA	ENTREVISTA LUCIANE CARMINATTI, deputada estadual (Câmera fechada)	SEGUE TRILHA SUAVE, TAMBÉM NO VIOLÃO (USO LIVRE) Luciane: “E as mulheres, quando elas se organizam num movimento como esse, elas percebem, primeiro que ela eram violentadas e nem sabiam, tomar consciência dessa violência”	13:41 - 13:59

SESSÃO SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	ENTREVISTA MARILETE MOLINARI (Câmeras aberta e fechada);	SEGUE TRILHA SUAVE, TAMBÉM NO VIOLÃO (USO LIVRE) Marilete: “O movimento é fundamental na vida das mulheres. A gente convive com muitas mulheres, conversa com muitas mulheres, e eu percebo a diferença da mulher que consegue participar do movimento e a que não participa. A dificuldade que ela tem de tomar decisão, com o relacionamento com a família, a dificuldade com a casa, e como ela se sobrecarrega com o próprio trabalho que seria uma divisão bem simples com o marido em casa, mas ela ainda não tem essa coragem, essa determinação de dividir essas tarefas da casa com o marido com os filhos ou com quem mora com ela. A mulher que participa do movimento tem uma vida totalmente diferente. Ela consegue decidir com mais facilidade” SAI TRILHA	14:00 - 14:44
	ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmeras aberta e fechada);	Rosalina: “Violência não é só a física, é o jeito que eles tratam. A mulher tá sofrida, sendo oprimida, mas ela não se encoraja em se libertar. Só vive de aparência, mas tá sofrendo demais. A violência aqui na área rural tem de várias formas, a questão do direito à propriedade, que é só do homem. A mulher não tem direito de nem provar que está	14:45 - 15:57

		produzindo que tá trabalhando, isso é uma violência. Dar os piores lugares de terra pra mulher plantar. Planta onde tem pedra, onde não passa o trator. Isso é violência.”	
	ENTREVISTA MARILETE MOLINARI (Câmeras aberta e fechada);	Marilete: “A mulher sofre muita violência, em todos os sentidos. Dá uma dor muito grande falar sobre isso. Nós vivemos num país patriarcal, machista e individualista.”	15:58 - 16:20
	ENTREVISTA IVANETE ZAMBON (Câmera fechada);	Ivanete Zambon: “A gente sempre pensava em violência física, mas tem um monte de coisa. Como quando as mulheres são humilhadas dentro de casa e coisas do tipo. Muita coisa eu aprendi no Movimento”	16:21 - 16:38
	ENTREVISTA MARILETE MOLINARI (Câmeras aberta e fechada);	Marilete: “As mulheres urbanas vivem em casa, apartamentos, uns pertos dos outros e se uma mulher é violentada, alguém ouve, porque nos espaço urbano a convivência é mais próxima, mas no campo a gente vive longe dos vizinhos, a gente pode gritar e ninguém nos ouve”	16:40 - 17:51
SESSÃO SOBRE A INTERSECÇÃO COM OUTROS MOVIMENTOS E CONSCIÊNCIA SOBRE A LUTA DE CLASSES	IMAGENS DE APOIO CEDIDAS PELA EPAGRI (drone e planos abertos de plantações nos arredores de Chapecó) Flashback para 1998 (artifício em arte, imagens de arquivo cedidas pelo MMC) ENTREVISTA	SOBE SOM - NOVA TRILHA TENSA, MAIS PESADA, NA GUITARRA ELÉTRICA (USO LIVRE) Justina: “Desde o seu início então teve muito claro a luta de gênero e classe, teve um momento no início que teve um momento que foi mais classe que gênero. E com a contribuição de estudos da Rose Marie Muraro e Eleonora Menicucci entrou o	17:52 - 19:11

	<p>JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);</p>	<p>debate da importância de ter um equilíbrio entre o debate de gênero e a classe. E a missão do movimento está colocada em três grande eixos, que é a emancipação e libertação das mulheres em toda forma de violência, exploração, opressão, construção do projeto de agricultura agroecológico e a transformação da sociedade”.</p>	
	<p>ENTREVISTA SIRLEI GASPARETO (Câmera fechada);</p>	<p>SEGUE TRILHA TENSA, MAIS PESADA, NA GUITARRA ELÉTRICA (USO LIVRE)</p> <p>Sirlei: “Se analisar os cantos do movimento, todos eles vão falar da libertação da mulher e da transformação da sociedade. Todos eles vão dizer, vão transmitir uma mensagem. A vida vale a luta e a luta vale a vida.”</p>	<p>19:12 - 19:34</p>
	<p>ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmeras aberta e fechada);</p> <p>IMAGENS DE APOIO CEDIDAS PELO MMC (Fotos do ex-presidente Lula, e a primeira-dama, discursando para um público composto por manifestantes do MMC)</p>	<p>SEGUE TRILHA TENSA, MAIS PESADA, NA GUITARRA ELÉTRICA (USO LIVRE)</p> <p>Rosalina: “Os movimentos sociais foram nascendo através da movimentação do povo, nessa época da teologia da libertação”. (Segue com exemplificação) “Então, eu fui pra luta, fomos pra manifesto, pra Brasília, abaixo-assinado. E sempre tínhamos parceria com os outros movimentos, porque sozinhos não íamos conseguir. É uma caminhada junta, é uma luta pela dignidade humana. Sempre tivemos ligação.”</p>	<p>19:36 - 20:24</p>

<p>ENTREVISTA KAROLYNA HERRERA, socióloga (Câmeras aberta e fechada);</p>	<p>SEGUE TRILHA TENSA, MAIS PESADA, NA GUITARRA ELÉTRICA (USO LIVRE)</p> <p>Karolyna Herrera: “Elas sempre se reconheceram como feministas e socialistas e anticapitalista, porque entendem que o capitalismo enquanto estrutura ele oprime, o sistema tirou o direito à terra, ele explora o trabalhador, transforma a agricultura em agronegócio, destrói a natureza. Elas percebem também que muitas das coisas que acontecem com as mulheres é também devido ao capitalismo, usar o corpo da mulher como mercadoria, o patriarcado. Então, essa estrutura oprime enquanto camponesa, e também enquanto mulher, então elas querem propor um novo modelo de sociedade.”</p>	<p>20:25 - 21:09</p>
<p>ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);</p> <p>IMAGENS DE APOIO CEDIDAS PELO MMC (Fotos de manifestantes do MMC)</p>	<p>SEGUE TRILHA TENSA, MAIS PESADA, NA GUITARRA ELÉTRICA (USO LIVRE)</p> <p>Justina: “Esse é um sistema que está articulado ao acúmulo dos bens, da terra e da riqueza. Ele tem o lucro como principal objetivo, ele não tem o ser-humano, o ambiente como algo estratégico. Na nossa avaliação que precisamos de um outro sistema que coloque mais a preocupação da vida. O princípio é o da solidariedade, do coletivo, da educação popular, da valorização dos seres humanos. Temos uma preocupação de</p>	<p>21:10 - 22:43</p>

		<p>continuar refletindo sobre os princípios e valores que precisamos construir para se contrapor aos valores que o capitalismo tem instituído.”</p> <p>SAI TRILHA</p>	
RELAÇÃO COM OS MOVIMENTOS FEMINISTAS URBANOS	<p>ENTREVISTA LUCIANE CARMINATTI, deputada estadual (Câmera fechada)</p>	<p>Luciane: “O MMC surgiu aqui no oeste de Santa Catarina inicialmente em Nova Itaberaba, que na verdade fazia parte de Chapecó, mas hoje é um município. Então, o Movimento de Mulheres Camponesas ele conseguiu trazer referência para as mulheres de Chapecó, da roça, do interior, do meio rural, mas também para as mulheres urbanas o sentido de igualdade”</p>	<p>22:44 - 23:15</p>
	<p>ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);</p>	<p>Justina: “O Movimento de Mulheres Camponesas, em suas trajetórias de lutas, sempre procurou ter articulação com os movimentos feministas urbanos. Inclusive, em momentos em que nós não éramos consideradas feministas. Éramos reconhecidas como um movimento que lutava por direitos, mas por não assumir determinadas pautas que as feministas urbanas assumiam, então não nos consideravam feministas. O feminismo camponês e popular foi se construindo dentro do Movimento e ele continua em construção. Porque se você for conversar com muitas mulheres camponesas que estão iniciando no Movimento elas vão dizer que não são feministas, porque na sociedade se constrói a ideia de que o feminismo é o contrário do machismo, de que não é bom nem ser feminista e nem ser</p>	<p>23:16 - 24:11</p>

		<p>machista, essa é a leitura simplória da coisa. A gente tem trabalhado que o machismo não faz bem para sociedade porque ele mata, ele oprime, explora. Então o machismo não serve, nem para homens, nem para mulheres. E o feminismo, para nós, ele liberta, ele traz vida, ele traz dignidade.”</p>	
	<p>ENTREVISTA VALDETE BONI, socióloga (Gravação de tela da entrevista, por vídeo chamada)</p>	<p>Valdete: “O feminismo camponês surge pra dar conta de um feminismo que é diferente das mulheres urbanas pras mulheres rurais, seja pra lidar com a violência contra as mulheres, seja sair de casa numa organização, essa discussão cultural muito forte com a igreja, não que o meio urbano não tenha, o meio urbano tem o peso das outras religiões, enquanto o meio rural é mais a católica”</p>	<p>24:13 - 24:38</p>
<p>TRANSIÇÃO PARA O ASSUNTO DA AGROECOLOGIA</p>	<p>ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);</p>	<p>Justina: “A pauta do movimento feminista e camponês é a pauta pelos direitos, pelas novas relações, e o movimento traz também a pauta da agroecologia, da produção diversificada e saudável, a preocupação com a água com o ambiente. (...) Porque o feminismo camponês e popular tem uma história de enfrentamento contra o latifúndio, o agronegócio e a produção química, extensiva.”</p>	<p>24:39 - 25:08</p>
<p>TRECHO SOBRE AGROECOLOGIA, AGROFLORESTA, AGRICULTURA FAMILIAR E O MOVIMENTO PITANGA ROSA</p>	<p>IMAGENS DE APOIO CEDIDAS PELA EPAGRI (drone e planos abertos de plantações nos arredores de Chapecó)</p> <p>ENTREVISTA</p>	<p>SOBE SOM - NOVA TRILHA INSPIRADORA E LEVE, COM SINTETIZADORES (USO LIVRE)</p> <p>Justina: “Muita gente questiona os males dos agrotóxicos e desassocia desse debate geral e</p>	<p>25:10 - 26:55</p>

	<p>JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);</p> <p>IMAGENS DE APOIO (plano aberto da propriedade da entrevistada).</p>	<p>para quem servem os agrotóxicos e para quem serve a venda de tantos insumos de adubo sintético e de produções extensivas.</p> <p>O Movimento trabalha lá com a realidade das mulheres no quintal produtivo, nas sementas crioulas, com as plantas medicinais, para debate partir da vida cotidiana das mulheres, mas o debate, o estudo, a análise ela traz elementos locais, nacionais, internacionais, para as mulheres irem se entendendo dentro desse mundo.”</p> <p>SAI TRILHA</p>	
	<p>IMAGENS DE APOIO (plano aberto da propriedade, das plantações e da agrofloresta de Carmen e Marilete).</p> <p>ENTREVISTA CARMEN MUNARINI (Câmera fechada);</p>	<p>SOBE SOM - NOVA TRILHA RITMADA E LEVE (USO LIVRE)</p> <p>Carmen: “Muitas coisas sobre agrofloresta eu aprendi no Movimento de Mulheres Camponesas, a faculdade que eu não tive oportunidade de fazer, aprendi tudo no Movimento.</p> <p>Inclusive essa questão da agroecologia, de produzir alimentos saudáveis, naturais, limpos do uso de qualquer tipo de veneno e produtos transgênicos.”</p>	<p>27:00 - 27:23</p>
	<p>ENTREVISTA MARILETE MOLINARI (Câmeras aberta e fechada);</p>	<p>Marilete: “Nossa propriedade toda é agroecológica, não tem veneno de tipo nenhum aqui, a morte acontece naturalmente e não pelos venenos, é um espaço que tem muito mais vida do que morte.”</p>	<p>27:24 - 27:40</p>

ENTREVISTA IVANETE ZAMBON (Câmera fechada);	Ivanete fala sobre alimentos orgânicos.	27:41 - 27:49
ENTREVISTA MARILETE MOLINARI (Câmeras aberta e fechada);	Marilete: “A agroecologia engloba isso tudo, ela defende tanto a vida animal, quanto a vida vegetal, quanto a vida humana, e nós dependemos uns dos outros. É um amor pela terra, pela vida que faz a gente reconhecer que o veneno não tem outra utilidade senão matar. Para que serve o veneno e o revólver? Só serve para matar, não tem outra utilidade.”	27:50 - 28:08
ENTREVISTA CARMEN MUNARINI (Câmera fechada);	Carmen: “O lema do movimento é “fortalecer a luta em defesa da vida”. Quando a gente fala em defesa da vida a gente já tá falando da natureza, alimento saudável, e essa parte de levar o quintal produtivo que aprendi dentro do Movimento para agrofloresta foi muito importante porque me realizei muito.” “Eu já estava trabalhando com as mulheres nos grupos e oficinas, sobre a questão do solo, semente, e daí a indignação de ver tanta terra boa que Deus nos deu e ver o pessoal só comendo veneno. Então, isso indigna a gente de uma forma que quando a gente vai conseguindo fazer na prática, isso emociona, sabe? E como que dizem que não podem, que tem que plantar com veneno porque senão o povo passa fome, é um mentira deslavada”	28:09 - 30:03
ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA	Rosalina comenta a produção de alimentos e medicamentos sem insumos, além de introduzir o	30:04 - 31:35

	(Câmeras aberta e fechada); IMAGENS DE APOIO (ambientação da casa de Rosalina, e plano detalhe de sua produção de remédios).	Pitanga Rosa. SOBE SOM - VOLTA TRILHA JÁ UTILIZADA (USO LIVRE) Rosalina conta sobre seu processo de estudo da homeopatia e a produção de remédios na agroecologia	
SESSÃO SOBRE PRECONCEITO, DIFICULDADES E PRESSÃO CONTRA O MMC	Flashback para 2001 (artifício em arte, imagens de arquivo cedidas pelo MMC) ENTREVISTA VALDETE BONI, socióloga (Gravação de tela da entrevista, por vídeo chamada) ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmeras aberta e fechada);	Rosalina e Valdete falam sobre uma questão regional envolvendo a palavra “movimento” e sobre preconceito. Rosalina reforça a importância do MMC e suas demandas.	31:36 - 32:36
TRANSIÇÃO PARA O ASSUNTO DO MOMENTO POLÍTICO ATUAL	ENTREVISTA KAROLYNA HERRERA, socióloga (Câmeras aberta e fechada);	Karolyna fala sobre o impacto do impeachment de 2017 e o retrocesso sofrido quanto às políticas públicas voltadas para o ambiente rural.	32:37 - 33:39
	ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmeras aberta e fechada);	Rosalina fala sobre experiência pessoal com o impeachment presidencial.	33:40 - 34:49
OITO DE MARÇO, MÍSTICA E COMO O MMC MANIFESTA	IMAGENS DE APOIO (ambientação do centro de formação do MMC e gravadas na manifestação do dia 8 de março de 2020,	SOBE - NOVA TRILHA, ENFÁTICA, RITMADA (USO LIVRE)	34:50 - 35:39

	em Chapecó). Com artifícios de arte, para localização.		
	ENTREVISTA SIRLEI GASPARETO (Câmera fechada);	Sirlei: “A saída de casa da mulher camponesa é por excelência o primeiro passo da libertação e ele só existe porque existe profundamente uma experiência que as move, que é a mística, que a gente não enxerga. Eu costumo sempre dar o exemplo do orvalho. A gente enxerga a grama viva, bonita pela manhã, e nós não sabemos o que a faz tão bela, vigorosa, tão linda, é o orvalho. O orvalho é esta motivação, é este encantamento que a mulher camponesa tem que vai descobrindo e se descobrindo para um outro mundo e um outro modo de viver”.	35:40 - 36:30
	ENTREVISTA JUSTINA CIMA (Câmeras aberta e fechada);	Justina: “As lutas, às vezes, têm um efeito maior de conquista para o Movimento, do que quatro, cinco anos só de formação.”	36:31 - 36:48
	ENTREVISTA ROSALINA NOGUEIRA (Câmeras aberta e fechada);	Rosalina fala sobre a expectativa com gerações futuras.	36:50 - 37:04
	ENTREVISTA SIRLEI GASPARETO (Câmera fechada);	Fala sobre a mística e canta música.	37:05 - 37:39
ENCERRAMENTO	CRÉDITOS (ARTIFÍCIO DE ARTE);	Trabalho de Conclusão de Curso Eliza Della Barba e Luiza Lobo Entrevistas	37:40 - 39:03

	<p>IMAGENS DE APOIO (das principais entrevistadas).</p>	<p>Carmem Munarini Davina Pasa Ivanete Zambon Jacinta Klein Justina Cima Luciane Carminatti Marilete Molinari Rosalina Nogueira Sirlei Gaspareto Valdete Boni Karolyna Herrera</p> <p>Orientação Stefanie Carlan da Silveira</p> <p>Produção, reportagem e imagens Eliza Della Barba e Luiza Lobo</p> <p>Edição Luiza Lobo</p> <p>Finalização Daniella Coriolano Luiza Lobo</p> <p>Agradecimentos Adriane Canan Alzira Canan Agenor Canan Isabela Schwengber Daniel Sborz Ana Cristina Machado MMC Oeste SC Vera Lúcia Barcelos Della Barba Homero Della Barba Octávio Barcelos Della Barba Gustavo Barcelos Della Barba Pedro Henrique Cureau Roseli Monteiro Sérgio Monteiro Gabriel Monteiro Daniela Muller Murilo Mestriner Livia Tokasiki Fernando Perosa Alggeri Hendrick</p>	
--	---	--	--

		Universidade Federal De Santa Catarina Curso de Jornalismo	
--	--	---	--

APÊNDICE B - Roteiro da viagem para o Oeste Catarinense

DATA	COM QUEM VAMOS FALAR?	O QUE VAMOS FAZER?
05/03 Quinta-feira	Chegada ao MMC Luci - Uber Marlene (Centro de Formação)	Saída de Florianópolis. Voo das 06h Chegada pela manhã/tarde ao Centro de Formação Maria Rosa do MMC às 07h30 Organização de equipamentos, revisão de roteiro, conhecer onde vamos ficar e descanso
06/03 Sexta-feira	Alzira (mãe da Adri) Justina (Primeira entrevistada do MMC)	Partida para Quilombo com a Adri Canan - 06:45h Chegada em Quilombo 08h45, Alzira nos pega para irmos para a primeira entrevista na casa da Justina Fim de entrevista, partida para dormir na casa de Alzira
07/03 Sábado	Seminário Do MMC - 7 De Março - Quilombo Entrevistas diversas	Cobertura do seminário do MMC durante todo o dia, até 17:00 Volta para Chapecó no ônibus das 18:10
8M	Dia internacional da Mulher	Cobertura do 8M em Chapecó

	Entrevistas diversas Entrevista com Sirlei	
09/03	Carminha e Rosalina (vizinhas)	Entrevista perfil com ambas
10/03	Entrevista com Ivanete	Ida para Maravilha Ônibus das 06h45 Volta para Chapecó Ônibus das 12h25
11/03	Entrevista com Marilete	Assentamento Dom José Gomes em Chapecó
12/03	Arquivos dos MMC no Centro de Formação	Descanso e organização dos materiais. Volta para casa, voo das 22h45

Informações:	<ul style="list-style-type: none"> ● Centro de formação Maria Rosa: R. Sete de Setembro, 2070d - Pres. Médici, Chapecó - SC, 89801-142 / (49) 3322-2539 ● Terminal Rodoviário de Chapecó: R. Líbano, 111 - Passo dos Fortes, Chapecó - SC, 89805-510 ● Seminário do MMC em Quilombo: SALÃO DA COMUNIDADE ● Ato do 8 de março: Praça Coronel Bertaso/ Chapecó
---------------------	--

APÊNDICE C - Diário de bordo

Dia 1 - CHEGADA AO CENTRO DE FORMAÇÃO MARIA ROSA CHAPECÓ

Acordamos às 3h da manhã do dia 05 de março de 2020 para nos arrumarmos. O embarque começaria somente às 5h20 e desde às 4h30 já estávamos no aeroporto. Juntei algumas bagagens e equipamentos na mala a ser despachada que estava com a Luiza e esperamos a chamada do voo. Embarcamos 5h30 e 5h50 já estávamos voando. Chegamos em Chapecó às 07h. Luci, uma moça contratada para fazer alguns percursos conosco por Chapecó, já nos esperava para nos levar até uma padaria e depois para o Centro de Formação Maria Rosa.

Durante o trajeto passamos pelo centro da cidade e nos surpreendemos com o tamanho, beleza e organização do lugar. Chegamos às 07h30 no Centro de Formação, a princípio, a caseira Marlene não entendeu quem éramos, e depois de conversar com Justina, lembrou que ficaríamos lá. Conversamos com Justina e pudemos observar a sua articulação no Movimento, sendo ela uma das dirigentes do movimento no Estado, ela falava com bastante propriedade sobre os assuntos do MMC. Assim nos preparamos melhor para a entrevista no dia seguinte.

Passamos a manhã e tarde descansando, almoçamos no MMC e fomos resolver algumas pendências, como ir ao mercado, farmácia e rodoviária para comprar a passagem de Quilombo para Chapecó. Após isso, voltamos ao centro de formação, descansamos e fizemos algumas imagens do local.

Dia 2 - CHEGADA EM QUILOMBO

Sáimos às 06h30 do centro de formação e com Adriane Canan, fomos para Quilombo. Chegamos na casa de Justina às 07h30, tomamos café e iniciamos a entrevista na varanda da casa. Falamos de vários tópicos: vida pessoal, feminismo, sua atividade no Movimento.

Após a entrevista conhecemos a propriedade, que tem 3 hectares. Possui galinheiro, chiqueiro, vaca e bovinos, inúmeros pés de frutas e verduras. Da propriedade eles tiram seu alimento e vendem o excedente para ter fonte de renda. A casa é simples, de madeira, possui dois fogões, um deles a lenha, onde o leite que é retirado da propriedade é fervido e vira queijo colonial e

ricota. Tudo é organizado na propriedade, e é possível notar o carinho com as plantas e os animais.

O almoço é preparado, o porco colocado para marinar, o feijão começa a ser cozido e o cheiro da carne e do feijão invade a cozinha. Ao pôr a mesa ela diz: “aqui, praticamente todo o almoço é orgânico”. Na mesa vão pães e queijo caseiro, feijão, arroz, carne de porco assada e salada de folhas e cebola com vinagre. Após o almoço ainda é servida de sobremesa uma compota de pêssego da propriedade que estava deliciosa.

Um descanso e 13h30 partimos para o pavilhão localizado no centro de Quilombo para participar da organização do lugar para o evento que acontecerá no dia seguinte, 07 de março. O companheiro de Justina nos leva até o pavilhão. Chegando lá encontramos mais umas sete mulheres que já estavam organizando as mesas e cadeiras. Justina começou então a preparação para a mística. Cada abóbora, milho, flores e enfeites naturais foram colhidos da propriedade de cada mulher do movimento, que trouxe para enfeitar o ambiente. Justina organiza na ponta do palco as decorações, enquanto as outras mulheres colocam toalhas nas mesas e enfeitam também com decorações naturais. Captamos imagens e observamos como as mulheres se organizavam, procurando possíveis fontes também.

Conhecemos a mãe da Adri, dona Alzira. Ela ajudou na organização do pavilhão. Umas 16h fomos para a casa de Dona Alzira que nos recebeu com um café de aniversário já que ela fez 78 anos no dia. Conversamos sobre a vida, a militância e as vivências de Dona Alzira. Ela foi atuante na rádio comunitária de Quilombo, onde foi, na década de 90 um grande difusor do pensamento feminista camponês na região. Uma mulher de sabedoria e generosidade infinitas.

DIA 3 - EVENTO DO MMC EM QUILOMBO

O evento começou cedo, lá pelas 09h30, porém, muito antes, as mulheres já estavam de pé arrumando o pavilhão da Igreja Matriz de Quilombo. Mesas na entrada do evento expunham

produtos das mulheres camponesas: doces, compotas, biscoitos, pães, ervas medicinais, toalhas bordadas e camisetas do MMC eram vendidas para os participantes do evento.

As pessoas começaram a encher o pavilhão pelas 10h, quando finalmente foram iniciados os trabalhos no palco, com a mística. Uma dezena de mulheres participa da mística, uma parte no palco e outra no chão, em frente ao palco, esperando a sua vez de subir. Mulheres carregando bandeiras do Movimento, cestos com flores, sementes, segurando em suas mãos e braços significados de quem são e o que as representa. Enquanto em cima do palco um “teatro” acontece, como um diálogo entre duas conhecidas que se esbarram e começam a refletir sobre a política, uma convidando a outra para participar do Movimento e defender os seus direitos. Todo o ato é muito sensível e didático. Todos os participantes do evento, cerca de 200 pessoas, na sua maioria mulheres, assistem com bastante atenção, muitas emocionadas.

Acontecem algumas falas sobre previdência, palestras sobre temas em debate no MMC. Após, se aproximando do meio dia, as mulheres na cozinha se arrumam para o início do almoço. Do lado de fora do pavilhão, quatro tachos grandes de arroz com galinha são preparados. Meio dia, as mulheres colocam as mesas, e os homens trazem os tachos de fora. Saladas de repolho, folhas verdes, pães e queijo ralado são servidos junto com o arroz. As pessoas se colocam em filas para almoçar. O alimento vem das propriedades das várias agricultoras que estão no evento.

Na parte da tarde, cantoria e jogos. Sorteio, bingo começam a acontecer e os prêmios oriundos de doações começam a ser distribuídos: bolos, toalhas bordadas, tapetes de crochê, entre outros. Sirlei sobe no palco com duas meninas, de cerca de 10 anos, e cantam músicas do MMC, Elis Regina, Milton Nascimento, enquanto as mulheres no evento se juntam para cantar e dançar. O ambiente exala alegria e união. As mulheres formam pares e dançam juntas.

Um dos momentos mais emocionantes do dia foi quando conversei com Jacinta Klein, militante do MMC há anos. Ela é mãe de sete, sendo seis mulheres. Duas das filhas estavam no evento, e uma delas, Lucivane Klein, de 23 anos, foi lembrada com muito carinho pela mãe. Dona Jacinta

conta que a filha, que tem síndrome de down, cursa Ciência da Computação na Universidade Federal da Fronteira Sul, e que muito da força e da luta com sua filha, por autonomia e reconhecimento, vieram do movimento do MMC. Como a dona Jacinta, muitas mulheres com quem conversamos no evento tinham histórias de superação de dificuldades, e encontraram apoio e incentivo junto daquele grupo.

Dia 4 - 8M EM CHAPECÓ

O ato do 8M começou às 14h na praça central de Chapecó, Coronel Bertaso. Muitas barraquinhas espalharam-se na praça, vendendo alimentos, e artesanatos. Um trio elétrico estava em frente a praça, onde as atividades do dia foram concentradas. O MMC foi o primeiro a subir no trio e iniciar suas atividades no Dia Internacional da Mulher. Sirlei juntamente com outras mulheres, animavam o ato. A mística do MMC foi feita, foi falado sobre a importância da mulher agricultora na sociedade e a luta por seguridades sociais.

Vários grupos de mulheres se juntaram também ao 8M de Chapecó: o movimento LGBT, movimento indígena, também cresceram à luta.

Entrevistamos a deputada estadual Luciane Carminatti assim que ela desceu do trio, após discursar para a população presente. Além disso, entrevistamos algumas outras pessoas presentes no ato.

O ato terminou por volta das 17h30, 18h. Havíamos combinado com a Sirlei uma entrevista após o término do evento, porém ela foi para o Escritório Regional da deputada, algumas ruas acima da praça. Não sabíamos como chegar lá, então fomos avisadas que o trio que estava na praça ia para lá, deixar alguns materiais. Subimos no trio e atravessamos o centro da cidade atrás da fonte. Deu tudo certo, conseguimos falar com a Sirlei assim que chegamos.

A entrevista aconteceu no gramado da casa da comadre da Sirlei. Embaixo de uma árvore e com o violão na mão. O dia se punha e esfriava enquanto ela tocava “Para Mudar a Sociedade”, um

dos hinos mais famosos do MMC.

Dia 5 - CARMINHA E ROSALINA

Acordamos cedo para decupar os materiais do dia anterior, saímos para almoçar e fomos para a casa de Carminha por volta das 14h. O dia estava lindo e quente. Acordamos com ela de que faríamos a entrevista antes do grupo da cooperativa chegar para a reunião que aconteceria ali mais tarde. Conversamos brevemente com ela e o seu marido, e ajeitamos uma cadeira no lado de fora da casa, embaixo de uma árvore, deixando-a de costas para uma parte mais aberta da propriedade. Ali a entrevista começou e após uns 20 minutos, foi interrompida pelo primeiro membro do grupo chegando para a reunião.

Após uma hora de reunião, que acompanhamos tomando chimarrão e comendo amendoim doce, seguimos o grupo para então conhecermos a agrofloresta de Carminha. A agricultora se afastou do grupo para podermos conversar com ela durante todo o caminho até a agrofloresta. O percurso era uma subida rodeada de árvores e plantas, era um caminho de barro e pedras. Vacas pastavam ao lado direito, nos dividindo através de uma cerca. Chegando na agrofloresta, vimos as mais diversas plantas. Árvores frutíferas, verduras, legumes e chás. Carminha nos mostrou com orgulho toda a sua produção. Até a irrigação das alfaces foi feita pela família, ela contou orgulhosa como conseguiu recuperar uma fonte de água com a agrofloresta.

Lá pelas 16h nos dirigimos até a casa de Rosalina. Pegamos carona com a nora de Carminha, que gentilmente nos deixou na propriedade da agricultora. A casa ficava no alto, e subimos as escadas para chegar na entrada. Pela porta vimos três mulheres trabalhando, mexendo em vidros cheios de misturas, as chamadas “tintas” para fazer o florais. Parte da casa havia virado um ateliê para a produção do Pitanga Rosa. Após alguns minutos de produção, as mulheres se despediram de Rosalina e foram embora. Conversamos com a agricultora que nos mostrava livros, quadros e documentos, com homenagens que recebeu e informações sobre o Pitanga Rosa.

Atrás da casa, dezenas de plantas eram cultivadas sem uso de agrotóxicos, e que eram utilizadas

para a produção do Pitanga Rosa.

Sáimos da casa de Rosalina por volta das 19h15, ambas com rosquinhas cobertas de açúcar nas mãos, típico jeito que estávamos saindo de cada casa que íamos, comendo alguma coisa gostosa preparada e servida pelas agricultoras que faziam questão que experimentássemos.

Dia 6 - IVANETE

Acordamos cedinho para irmos até a cidade de Maravilha. Chegando no terminal de ônibus, Ivanete foi até o nosso encontro. Porém, seu carro deu problema e tivemos que aguardar alguns minutos o conserto, em seguida pegamos estrada até a propriedade dela, na zona rural da cidade. A propriedade é pequena, possui muitas flores, galinheiro, chiqueiro e uma pequena horta. Apesar da agricultora ser uma militante atuante do MMC em Maravilha, a entrevista não rendeu muito. Mesmo reformulando várias perguntas, a agricultora tinha dificuldade em articular as respostas e muitas vezes eram diretas e confusas. Voltamos para Chapecó no ônibus de 12h25, e aproveitamos a tarde para decupar materiais gravados.

Dia 7 - MARILETE

Pegamos a estrada de terra, nos distanciando cada vez mais do centro de Chapecó, indo em direção ao assentamento Dom José Gomes. Ele fica localizado na zona rural da cidade, na linha Água Amarela. As casas e os comércios davam lugar às paisagens verdes, e aos plantios. A placa escrita “Pachamama” era o nosso ponto de orientação, e ali viramos a direita, chegando a um terreno com uma casa de varanda grande e janelas brancas. Ali nos esperavam Marilete Molinari e Pedro Rocha. Ela com a camiseta do MMC e ele com o boné do MST, ambos agricultores e militantes. Nos receberam felizes e simpáticos, preparados para nos mostrar a propriedade.

O dia estava muito quente, igual a todos os outros. A região Oeste está muito seca, por conta da falta das chuvas. Após a entrevista feita embaixo de uma árvore, fomos conhecer mais a propriedade. Um galinheiro com galinhas caipiras, galos, chiqueiro, vacas pastando. Milhos de

semente crioula secavam ao sol, à espera de serem debulhados. Toda a propriedade era harmônica e muito bem cuidada.

Nos dirigimos para dentro de casa, onde Marilete preparou a pipoca de milho crioulo e Pedro fazia o chimarrão. Na parede da cozinha, a imagem de Dom José Gomes, importante elemento na vida do MMC e dos movimentos sociais no oeste catarinense. Tomamos chimarrão e comemos pipoca, enquanto conversávamos e o sol se punha.

Dia 8 - VOLTA PARA FLORIANÓPOLIS

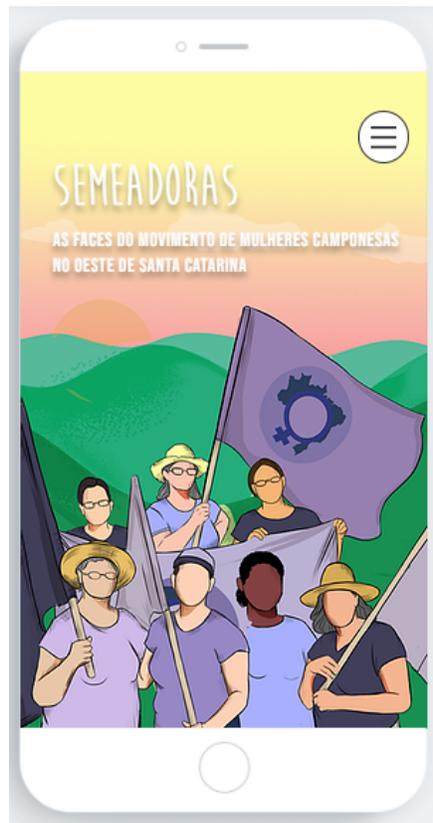
Compilação de materiais e organização da volta para Florianópolis

ANEXO A - Site

Endereço do site: www.semeadoras.com



Home do site no computador



Home do site no celular

ANEXO B - Ficha do TCC

Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2021	
ALUNO	Eliza Barcelos Della Barba e Luiza de Almeida Monteiro	
TÍTULO	Semeadoras: As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina	
ORIENTADOR	Stefanie Carlan da Silveira	
MÍDIA	<input type="checkbox"/> Impresso	
	<input type="checkbox"/> Rádio	
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Web site	
	<input checked="" type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/> Reportagem <input type="checkbox"/> livro-reportagem	<input type="checkbox"/> Florianópolis <input type="checkbox"/> Brasil <input checked="" type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo; Movimento de Mulheres Camponesas; Feminismo camponês e popular; Movimentos Sociais Feministas; Agricultoras Catarinenses	
RESUMO	A luta por direitos e pela visibilidade da mulher são as bases dos movimentos sociais feministas. Todavia, em termos de visibilidade, muito do debate feminista atual é centrado em grandes centros urbanos. O Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) soma à luta e amplia a discussão para representar a realidade da discriminação, opressão e resistência da mulher do campo. Este TCC tem como objetivo retratar o feminismo camponês e popular do oeste catarinense, através do Movimento de Mulheres Camponesas de Chapecó e região. Para isso, foram feitas entrevistas em vídeo com as agricultoras que participam do Movimento, mostrando o seu dia a dia de trabalho, as pautas levantadas por elas no MMC, e a organização do próprio Movimento. O produto é uma produção jornalística multimídia, que inclui um documentário em vídeo e uma reportagem escrita. Tudo está disposto em uma plataforma online, onde há informações complementares em texto e fotografia sobre o MMC. O presente trabalho tem como finalidade a divulgação das pautas das mulheres camponesas e o retrato da realidade e da luta da mulher do campo no oeste catarinense.	

ANEXO C - DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Eliza Barcelos Della Barba, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16204370 e eu, Luiza de Almeida Monteiro, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16203288 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Semeadoras: As faces do Movimento de Mulheres Camponesas no Oeste de Santa Catarina” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 28 de abril de 2021

Eliza Barcelos Della Barba

Luiza de Almeida Monteiro